

PAGINA DE CORTE

José Narciso Bedran

«Nem os lençóis ferverão,
pois o que esse vento toca
não se purifica.»

SERGIO CAMPOS

Estava ainda sob o domínio parcial do sono que não se saciara o bastante em mim durante a noite, a qual, por um fatalismo qualquer, começara já com constrangimentos. Tinha ido para a cama com uma mulher que chegava mesmo a me repugnar um pouco, e saiu então um sexo sem vontade, por mera questão de educação, quando é mais cômodo e fácil fazê-lo do que recusar e procurar explicar a negativa. Ainda por cima esquecera de fechar a porta do guarda-roupa. Depois de deitado tive preguiça de me levantar para fechá-la. As roupas imóveis dentro do armário e a sensação de que algo poderia sair por ali ou — não sei — entrar por ali, deram-me goles de inquietação durante a noite toda e esfaleceram meu sono.

O ar puro da manhã recém-nascida ressaltava ainda mais o mau cheiro do meu corpo privado de banho há quase três dias por causa da falta de água no bairro. Passava por várias domésticas sonolentas e senhoras idosas com embrulhos de pão debaixo do braço. Instalada sobre três dormentes escuros, uma enorme caixa de metal pertencente à prefeitura obrigou-me a abandonar momentaneamente a calçada e fisegu na minha memória a lembrança dos túmulos de D. Pedro e Inês de Castro no Mosteiro de Alcobaça.

Mais domésticas e velhinhas passavam por mim. Pensava nas determinações que nos são impostas pelo destino vida afora, até nos empreendimentos que nem mesmo chegamos a tentar. Se eu tivesse de ser um corredor, nunca teria sido um fundista, com certeza, mas provavelmente me destacaria na velocidade. Se tivesse de ser um instrumentista, nunca teria sido um pianista, mas poderia demonstrar sensibilidade num cravo.

A mochila com a roupa limpa ajustava-se perfeitamente nas irregularidades das minhas costas, e, sem me preocupar com a distância, como se tivesse nascido para cumpri-la, fazia a caminhada com as mãos embotadas nos bolsos da calça, pinçando de vez em quando com os dedos um fio de linha solto no bolso esquerdo. E foi o barulho de alguma coisa que caíra no plástico da mochila que veio desmontar uma ordem quase animal que se estabelecera em mim, soprando forte a poeira do campo esférico que me envolvia. Era o cocô fresco de um passarinho que eu nem vira passar. Quando o procurei no céu, ele já tinha desaparecido, e o azul impecável reverberava.

Limpei aquele botão miúdo de fezes com o papel de um maço de cigarros vazio que encontrei na sarjeta e que tinha, grudada nele, uma pequena concreção, ainda um pouco viscosa, no formato de uma clava, indicando o seu uso prévio para a higiene de outra pessoa. Segui adiante rumo à casa do Hermes, que me cederia um banho em sua casa nova, conforme ficara combinado na tarde do dia anterior.

A casa era ampla, cheia de vidros, decorada até onde poderia sê-lo. Despertava em mim intensa familiaridade, como acho que me sentiria se desse de rosto com meu pai irreconhecível atrás de uma pesada maquiagem de palhaço. A esposa de Hermes, muito grávida, não deu as caras. O amigo, por sua vez, recebeu-me colocando-me para dentro e abraçando apertado meu tronco. Tentava compensar a ausência da companheira com muitas desculpas esfarrapadas e com uma solicitude exagerada mesmo para os seus exageros habituais. Por cima de seu ombro vi a mulher atravessar o corredor carregando a barriga de dar medo e juntando os cabelos louros e um pouco crespos no alto da cabeça.

Deveria despir-me ali na sala mesmo, onde aguardava minha roupa uma cadeira velha que certamente não fazia parte da decoração, pois não condizia com a qualidade superior dos outros móveis. Meti logo mãos à obra e comecei descalçando o tênis. Ao tirar a calça, minha carteira caiu, espalhando no chão algumas moedas e os documentos que eu vinha juntando durante a vida. Catei-os com calma e com resignação, mas tive de sentar-me estouvadamente ao ver que se aproximava do outro lado dos vidros, pela garagem, o Dr. Boanerges, nosso chefe na empresa.

Tinha a cara marota, não abandonada pela severidade de sempre, embora provida de um tom novo de deboche que desconhecia. Não entrou. Atrás dos vidros mesmo fez uma saudação seca e, com a sua voz passando alta e clara, me cumprimentou pela palestra que fizera, juntamente com o Hermes, para os vendedores do nosso setor. Somando-se ao meu embaraço diante do elogio inusitado do chefe, a preocupação em proteger minha nudez com o braço do sofá impedia com mais vigor ainda que eu dominasse a situação e visse as coisas com total clareza. Tinha a impressão de que o Dr. Boanerges não me focalizava completamente com seus olhos apertados. Não dava para se ver a reação do Hermes colocado posteriormente ao meu corpo. Afinal ele cumprimentava a mim ou ao Hermes? Precisei agradecer com excesso de discrição, com uma expressão o mais dúbia possível no rosto. Se o cumprimento se dirigisse a mim, ele poderia perceber que eu lhe agradecia. Se se dirigisse ao Hermes, ele poderia não perceber, e se o percebesse, jamais afiançar que o meu semblante traduzia um agradecimento.

Para o meu alívio, pôs-se enfim a caminho o Dr. Boanerges com um abano rude de mão, e, só de cuecas, entrei no banheiro. O boxe, lembrando uma grande vitrina, tinha uma comprida lâmina de vidro transparente que dava para a sala, onde uma jardineira colocada no chão servia de suporte a pequenas mudas de arbustos plantados recentemente e que não chegavam a alcançar meus joelhos. Hermes explicou que as plantas, quando crescidas, dariam privacidade ao banheiro, mas que eu podia

ficar tranqüilo e tomar o banho despreocupado, visto que não entraria ninguém na sala naquela hora.

Abri a torneira da ducha e saiu uma água barrenta e fria, que, aos poucos, foi clareando e aquecendo. Nesse momento, para contrariar a palavras do meu amigo, duas pessoas grisalhas entraram na sala e se sentaram de frente para o boxe. Ignorando-me, Hermes recebeu o casal com um beijo estalante na face de cada um, deixando um fio grosso do seu bigode no rosto da mulher, a qual usava um repolhudo jabô para ocultar os seios volumosos.

O homem e a mulher simulavam naturalidade, conversavam com animação, mas me observavam furtivamente. Com perturbação diminuí o jato de água para que ela saísse bem quente, e, com isso, conseguisse bastante vapor para embaçar a vidraça. Embora a água estivesse pelando e soltando alguma fumaça, o vidro não se encontrava totalmente límpido por pouca coisa. Impaciente, comecei a tomar banho de cuecas. Lavei o corpo todo, menos a parte vestida. Depois ensaboei muito o tronco, de modo que a espuma me cobrisse, e tirei a cueca. Os visitantes olhavam quase descaradamente. Na hora de enxaguar eles, com certeza, viram tudo. Mas azar. Aquilo já estava me dando nos nervos. Estava tomado de uma grande ira. Que absurda a idéia daquele boxe. Que vissem tudo.

Sem me importar mais com o casal, vesti sossegadamente a roupa limpa e penteei os cabelos. Os fios que ficaram trançados nos dentes do pente eu joguei na privada. Boiando sobre a água estagnada do vaso já havia um punhado de cabelos alourados e um pouco ásperos da esposa do Hermes. Os meus cabelos negros caíram em cheio sobre os dela, fazendo vacilar um quase nada a água. Dei descarga correndo, antes que a minha mente edificasse aquilo que ela estava começando a engrandar.

Saindo do banheiro senti que uma coisa fria escorregou debaixo da sola do meu pé direito, dentro do tênis, parando sob o dedão, que, mesmo com seu tato grosseiro, pôde me informar que aquilo era uma moeda, e das grandes.

Meu amigo me aguardava, pronto para me mostrar todas as dependências da casa. Não se via mais o par de visitantes. Comecei assim a acompanhá-lo e, sobre o piso dos cômodos, seguia passos fáceis que aparentemente já dera muitas vezes antes, e a moeda solta dentro do calçado.

Mobiliza-me entre as paredes com harmonia aprendida, meu corpo virava sempre para o lado certo, minhas mãos pegavam os umbrais das portas com intimidade. Ia reconhecendo a casa. Era como se apalpassse um bicho costurado dentro de um saco da mais grossa linhagem, identificando-o titubeantemente ora como um rato, ora como um marreco, ou um coelho, ou não sei mais o quê. De repente, como se o animal coxasse, revelando-se definitivamente, vi, com o espanto que teria se visse um par de luas surgindo no céu, que aquele tinha sido o meu lar, que aquela era a casa de meus pais. Havia mais vidros, tinta nova, outros móveis, uma parede a mais ou a menos, mas a casa era a mesma. E a moeda agora não tocava em nenhuma parte da planta do meu pé.

Fiquei sabendo do Hermes que ele a alugara de um tal de Santiago. Meu irmão! Meu irmão tinha alugado a casa na ausência de meus pais, que estavam fora há vários meses, em Leopoldina, cuidando de meu avô acamado. Mas já estavam para chegar. E o que diriam ao ver a casa alterada e ocupada? Onde meu irmão colocara os móveis? E as coisas de minha mãe?

Sem ter visto a casa toda, sem ter entrado no quarto de casal, tentei, sem êxito, localizar meu irmão pelo telefone. Lembrei-me então de Adelaide, empregada antiga lá em casa, que talvez pudesse me esclarecer alguma coisa. Ela morava num bairro distante, e Hermes, de bom grado, me ofereceu seu carro, velho mas conservadíssimo, todo preto e cheirando a desodorante.

Durante todo o afobado trajeto a moeda permaneceu alojada sob meu calcanhar. No meio do caminho tive de entrar numa fila de carros queimando no sol já muito quente e esperando passar, como numa cancela ferroviária, uma parada militar de soldados corretos e assistida por pouquíssimas pessoas. Não era possível adivinhar se aqueles homens uniformizados iam ou vinham; poderia ser tanto o início quanto o final do desfile.

Procurava manter-me calmo observando as guarnições passando perante os carros. Tentava pensar em alguma coisa, mas o odor do carro me nauseava e me confundia mais ainda. Pensei em Adelaide, cujo único defeito, segundo minha mãe, era ter cascão nas costas dos joelhos. Os capacetes não terminavam. Não conseguia pensar em mais nada. Rendeu-me então uma impaciência desnorteante, e, acelerando o carro parado, ansiava descobrir um outro caminho. Mas aquele era realmente o único.

Duas moças aproximaram-se de mim e me pediram carona para levá-las a uma rua que eu sabia próxima à de Adelaide. Uma delas lembrava de longe nossa empregada de jarretes cascorentos. Dei uma desculpa qualquer e comecei a andar com o carro antes dos outros que se encontravam na minha frente, quase indo de encontro ao veículo que me precedia, enquanto que o primeiro da fila arrancava atrás das botas do último soldado.

Adelaide morava numa esquina ensopada, onde se acumulava sobre um bueiro entupido muita água suja e fétida. Lembrei-me dela dizendo que alugara a casa por pouco mais de nada, mas que estava toda infiltrada e mofada, pois o lugar era razoavelmente movimentado e os carros não paravam de jogar a água empoçada em suas paredes.

A cara da casa era desoladoramente triste, úmida e encardida. Exibia a sua única janela com o avesso de uma cortina de berrantes flores tropicais esticada contra a vidraça. Sobre os vidros, os respingos frescos alteravam o desenho fino da poeira já assentada e daquela trazida pelos respingos que já haviam secado.

Para se chegar à porta, colocada dentro de uma entradinha alagada, era preciso vigiar se não vinha algum carro; do contrário se molhava todo. Averigüei por isso o trânsito, chapinhei a água enlameada e toquei a campainha várias vezes. Ninguém apareceu. Toquei outras vezes, e nada. Na rua passou um carro rolando bem devagar e, mesmo assim, ainda me salpicou a barra da calça.

Toquei de novo, de novo e desisti. Não podia ficar mais ali, senão estaria logo emporcalhado pela água de barreira da enxaguadura dos pneus que andavam por não se sabe onde.

Enquanto voltava para o carro, que estacionara mais adiante, e a moeda dançava debaixo do meu pé, passou um caminhão enorme, em alta velocidade, e jogou pelo menos metade da água represada em cima da casa.

Atrás do carro do Hermes encontrei um menino fazendo xixi. Sua boca estava cheia de biscoito de polvilho. Apoiava-se na pintura preta com a mão que segurava um biscoito mordido e o saco. Quando me percebeu chegando, interrompeu o jato de urina e saiu correndo, preocupado em fechar a braguilha. O pó do biscoito não saiu nem com a flanela e formava uma mancha esmaecida e feia sobre a lataria. A urina exalava um cheiro forte e gotejava do pneu atingido.

Passéi diante da parede e da janela que escorriam e, intoxicado pelo perfume do carro, retornei à casa ocupada de meus pais. Bati, e ninguém veio me atender. A porta não estava trancada. Entrei. Afinal aquela era a minha casa.

Sentei-me na sala conseguindo comportar-me no máximo como uma visita de cerimônia. A moeda encaixava-se numa concavidade que ela mesma imprimira na sola do meu pé. Pensava desesperançado no que fazer, em como resolver aquela situação, em como explicar tudo aos meus pais que não demorariam a chegar.

Minhas mãos caídas, cansadas de ficar em desconsolo, exigiam alguma tarefa. Passaram a raspar com as unhas alguns pingos de barro da calça. Tomaram depois de uma revista e volviam as folhas sem a minha atenção.

Os vidros da casa multiplicavam-me ou estilhaçavam-me. Ainda me irritava um pouco, diante de mim, o boxe. As plantas presenciavam o meu aspecto ruim.

Sentia-me mal de verdade. Estava disperso, debandado, ou talvez concentrado em inúmeros pontos diversos. Suava por debaixo dos pêlos. Chegava às minhas narinas um leve azedume proveniente de minhas axilas.

Foi uma fotografia na revista que açambarcou as vias todas que irradiavam de mim em todas as direções. Mostrava um homem pardacento, com a pele manchada de muito escuro, como

as p eras machucadas. Vestia-se apenas com um pano enrolado na cintura. Presumia-se um poder doentio no seu olhar, embora seus olhos se fechassem para beber algo em um grande vaso com o formato da cabeça de um animal, de um bode talvez. Havia uma mulher desfalecida a seus pães.

Comecei a ler atropeladamente a reportagem. Despencava nas fileiras de letras miúdas. A medida que avançava na leitura, parecia que algumas peças davam indícios de organiza o. A certa altura, antes de cair o primeiro pano, a folha partiu-se de fora a fora na entrelinha abaixo da linha que eu feito louco percorria.

